



Suite Nº 2

TEXTO AFONSO NILSON
COLABORAÇÃO E ADAPTAÇÃO: ALEXANDRE CONTINI E MARI FEIL

COM MARI FEIL
DIREÇÃO ALEXANDRE CONTINI

ESTE PROJETO RECEBEU PRÊMIO DA SECRETARIA DO
ESTADO DE CULTURA DE SÃO PAULO - EDITAL PROAC Nº
02 /2020
ARTISTA: MARI FEIL
PROJETO: SUITE Nº 2
E-MAIL: MARIFEIL.ATRIZ@GMAIL.COM
TELEFONE: (11) 977249717

SÃO PAULO/SP - BRASIL 2021

NUCLEO MARI FEIL

Núcleo Mari Feil de Pesquisa, Criação, Montagem de Solos Teatrais, sendo 2 deles são premiados. O Núcleo Mari Feil é um espaço de produção e criação e artística dos espetáculos e vídeos que resultam de pesquisas, desejos, práticas de artísticas, experimentos, em colaboração de diversos parceiros.

Além disso a atriz e produtora desde 1998, foi sócia da Esfera Produções e M&F Produções onde atuou e produziu mais 70 projetos nacionais e internacionais.



APRESENTAÇÃO

Novo projeto audiovisual do Solo teatral inédito "Suíte nº 2", com duração de 50 minutos, com estreia na plataforma #CulturaEmCasa, contemplado no edital de Registro Licenciamento de Espetáculos de Teatro Inéditos para Difusão On-line, através da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo e através do Proac. O projeto foi idealizado por Mari Feil que também é a atriz e produtora com texto de Afonso Nilson e direção de Alexandre Contini, o espetáculo tem estreia prevista no portal em novembro/2021. Porém, estamos realizando agendamentos para estreia presencial e queremos contar com o apoio do Sesc.

A protagonista do Solo é Mari Feil é atriz, diretora, produtora, escritora, parecerista, atua nas artes há 25 anos, com mais de 70 projetos nacionais e internacionais, o terceiro, "Suíte nº 2" completa a trilogia de solos, sendo os anteriores "A Rainha do Rádio" José Saffioti Filho aonde recebeu prêmio Elisabete Anderle, Melhor montagem em Festival Internacional de Mar Del Plata e indicação de melhor atriz e "E se eu não quiser dançar? – Um Solo desrítmado", texto de Ed Anderson. Também trabalhou com nomes do teatro brasileiro como Celso Nunes, em As Criadas contemplada com prêmio Myriam Muniz e Fundo de Cultura do Estado de SC Mari é catarinense e desde 2017 está radicada em São Paulo/SP, onde fundou a M&F Comunicação e Produção, o Núcleo Mari Feil & Cia, e o projeto @euatorprodutor porque acredita muito no artista que se produz.

SINOPSE

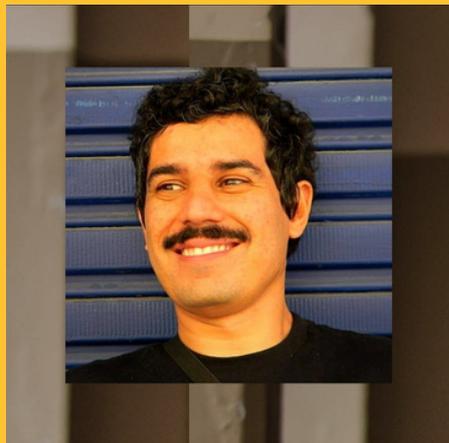
A peça fala sobre uma violoncelista que no auge da sua carreira é diagnosticada com Esclerose Múltipla, e que, aos poucos, vai perdendo os movimentos do corpo, o que tira o grande amor da vida dela, a música. Ela foi se recolhendo e sendo abandonada pelas pessoas que faziam parte do seu ciclo de vida. Então, de forma poética, traz as reflexões e lembranças e desejos íntimos da sua vida, carreira, a arte para o mundo, o casamento, sua solidão no leito e a sua persuasão e flerte com a morte de forma trágica, porém humorada.



SOBRE TEXTO POR AFONSO NILSON

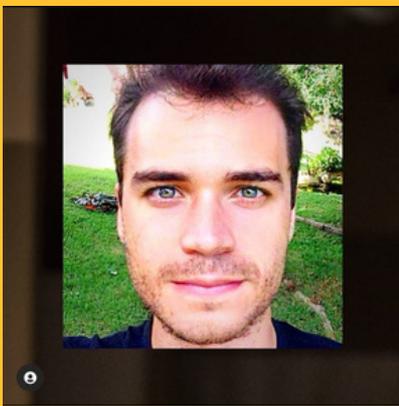
Qual foi sua inspiração para escrever o texto?

Não sei ao certo. Eu queria escrever sobre música, sobre o amor à música. Mas também sobre o que ela tem de essencial, que nos faz mudar de rumo, nos apaixonar, querer viver. Fui durante um curto período estagiário do naipe de violoncelos na Sinfônica de Santa Catarina, embora não tenha me tornado instrumentista profissional, conheço o instrumento, o repertório. Na época havia me apaixonado pela execução do concerto de Elgar pela violoncelista inglesa Jacqueline du Pré. Achava que a interpretação dela era a melhor execução do concerto que eu já tinha ouvido. Posteriormente, descobri que ela sofria de esclerose múltipla, que foi perdendo os movimentos ao poucos, que aos poucos não tocava mais, não andava, e sofrera todas as consequências terríveis da doença. Aquilo me comoveu profundamente, mas não queria fazer um texto biográfico, que já foi feito, inclusive. Não queria falar sobre um personagem específico, tomar exemplos da vida real. Queria falar de música, do quanto é fundamental, indispensável para os apreciadores aficionados como eu. E então, durante o processo de escrita, surgiu o tema da eutanásia. Acho que foi na época que vi o filme *As invasões bárbaras*, do cineasta Denys Arcand, que muito me impressionou. E achei que a metáfora de que uma morte humanizada não poderia ser possível sem música talvez pudesse funcionar. Como isso, para causar o efeito dramático, acabei invertendo os polos. A personagem deseja não sentir mais dor, imobilidade, e há esse conflito com o enfermeiro, que concorda com a eutanásia desde que seja em silêncio. A morte em si já silêncio, o silêncio absoluto, total. Para a personagem, que viveu a vida toda da música, e pela música, isso é um castigo inimaginável. Para ela, é preferível viver com dor do que morrer em silêncio. Foi a partir dessa premissa que surgiu o texto.



AUTOR AFONSO NILSON

Afonso Nilson Barbosa de Souza é dramaturgo e crítico teatral. Escreve para teatro desde os 24 anos. É autor das coletâneas de textos teatrais Pequenos Monólogos para Mulheres e Seis Textos Breves para Estudantes de Teatro, além do livro Asfixia, texto teatral para cinco atores. Seus textos teatrais já foram encenados por dezenas de grupos no Brasil e em Portugal, bem como adaptados para o cinema. Doutor em teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, propôs em sua tese um panorama temático da dramaturgia contemporânea brasileira das últimas duas décadas. Curador de festivais de teatro e editais dramaturgia, trabalhou 12 anos no SESC de SC. E em breve o público poderá ver a versão em vídeo do monólogo Suíte n. 2, com a talentosa Mari Feil sob direção de Alexandre Contini.



DIRETOR ALEXANDRE CONTINI

Alexandre Contini é ator, diretor, produtor e roteirista se dedica ao longo de 20 anos de carreira no teatro, cinema e televisão, com mais de 40 projetos artísticos computam na sua trajetória. Formado pela Fundação das Artes e Núcleo de pesquisa Jair Assumpção, no decorrer da carreira fez diversos cursos de extensão no campo das artes, com Olayr Coan, Alberto Guzik, Imara Reis, Daniel Herz. Estudei roteiro com Gloria Perez, Lauro César Muniz, Alcides Nogueira, Wolf Maya, Bea Goes etc. Na sua trajetória como ator do filme Ópio, Alexandre recebeu 2 prêmios de melhor ator.

Trabalhou e fez parcerias em diversos projetos de grupos, companhias, produtoras e artistas de renome nacional como Fodidos e Privilegiados, Pedro Paulo Rangel, Camila Amado, Guta Stresser, Vinicius Coimbra, Stella Maria Rodrigues entre outros e, foi assistente de direção do diretor João Fonseca, durante 3 anos.

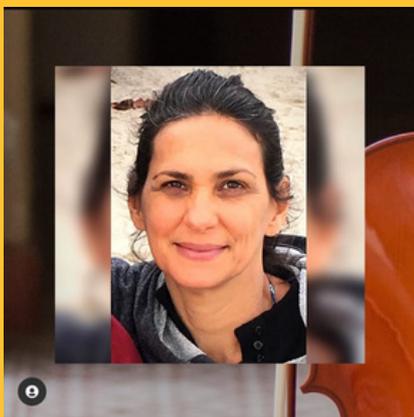
Entre os trabalhos mais recentes são: Tim Maia, O Musical, Escravas do Amor, Às Terças, Dedo Podre, R&J de Shakespeare, Solteira, Inteira e Feliz, Colisão, Solteira, Casada, Viúva e Divorciada, Casório etc.

Atualmente está em cartaz com Heróis às Avessas e acabou de lançar seu primeiro livro Contos da Pandemia, baseado na série homônima que produziu no ano de 2020. Em 2021, dentre vários projetos fez a direção do espetáculo Solo, Suíte n. 2, Mari Feil e texto de Afonso Nilson.

ATRIZ, PRODUTORA E IDEALIZADORA

Mari Feil, com DRT 3552/00 é atriz, produtora e diretora a 25 anos, formada em Ciências Contábeis, técnico em Artes Cênicas, especialização em produção cultural natural de Santa Catarina radicada em São Paulo desde 2017, trabalhou produziu e atuou em mais de 70 projetos nacionais e internacionais em diversos segmentos das artes. Participou das montagens mais recentes, Solo Suite N.2, texto Afonso Nilson, adaptação Mari Feil e direção Alexandre Contini, Antes só do que mal assombrado, texto de Lurimar Viana, Viva sem medo suas fantasias sexuais, texto John Tobias e direção de Rogério Fabiano, Passo de dois, texto de Eduardo Pavlovsky, Solo " A Rainha do Rádio", texto José Saffiotti Filho com direção de Gil Guzzo recebeu prêmio Elisabete Anderle de montagem e internacionais de melhor espetáculo e indicação de melhor atriz, "As Criadas", texto de Jean Genet e direção de Celso Nunes que recebeu prêmio Myriam Muniz para circulação, Solo E se eu não quiser dançar? Um solo desritmado, texto de Ed Anderson e direção Luzia Di Resende. Também como atriz da "Ópera Elixir do Amor", e, Opera o Barbeiro de Sevilha, com Jeferson Dela Rocca, SAINT-SAËNS, Camile - Carnaval dos animais, com direção de Lourcley Silva e orquestra da Aliança Francesa. Participou mais de 30 festivais e mostras nacionais e internacionais, dentre outros projetos.

No Cinema Pé na Tábua, (protagonista) curta metragem texto e direção de Adenor Gouvêa, "Falcatrua" curta metragem produzido pela Câmera Olho, com direção de Rafael Schilisting, "Aos espanhóis confinantes" direção Ângelo Sganzerla, "O Conto de Norteville" e " Jardim do Éden" curta metragem direção Uriel Pereira, Claríssima (protagonista) 30 anos da morte de Clarice Lispector direção Louise krieger, Doce de Coco, longa metragem direção Penna Filho, programa de humor "Sid Com Café exibido na REDE TV Nacional", programa It's - Participação em dois episódios – Rede Record de TV – Diretor Phil Rocha. O Suíte N.2 é seu trabalho mais recente que estreia em breve, aonde se autoproduz, como na maioria de seus trabalhos. Além disso é curadora e parecerista em diversos editais culturais do país e além de ministrar oficinas como: o ator produtor, o artista produtor, elaboração em projetos culturais, e o ator criador. Rede social: @marifeiloficial @atrizmarifeil



PREPARADORA VOCAL MÔNICA MONTENEGRO

Mônica Montenegro há mais de 20 anos se dedica aos estudos práticos e teóricos da voz em seus múltiplos aspectos. Fonoaudióloga, especialista em voz, doutora em artes pela ECA/USP, é orientadora e terapeuta vocal, artista e pesquisadora da expressividade da voz e suas poéticas no corpo, no espaço e na enunciação cênica.

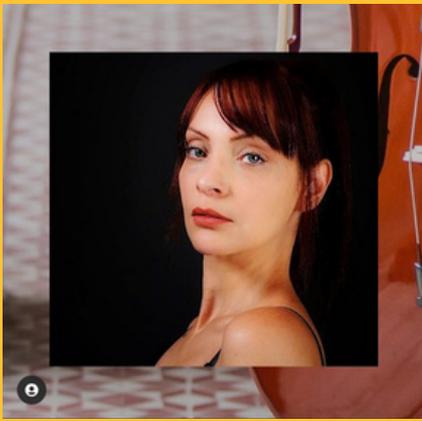
Trabalha com preparação de atores em montagens teatrais. Entre outros, trabalhou com Antunes Filho, Enrique Diaz e o grupo Teatro da Vertigem. E, mais recentemente, em longas-metragens: As melhores coisas do mundo (Laís Bodansky-colaboração), Elena (Petra Costa), As boas maneiras (Juliana Rojas e Marco Breda), entre outros.

Professora na Escola de Arte Dramática- EAD/ECA/USP. Membro-fundadora e leitora da Cia. de Leitores Públicos. Integrante da TEIA – Territórios de Encontros Intensivos Artísticos sob orientação de Lu Favoreto - Estúdio 8 Nova Dança/SP.

Integrante do Núcleo de Pesquisa LAVRARE do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Integrante do conselho editorial da Revista Voz e Cena – periódico eletrônico vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília – UNB.

O Suíte n. 2, com Mari Feil sob direção de Alexandre Contini, é o terceiro solo de Mari Feil em que Mônica é parceira na preparação vocal.



PREPARADORA CORPORAL GEÍSA FRÖHLICH

Geísa Fröhlich é atriz de teatro, cinema e TV - formada pela CAL/RJ e jornalista/apresentadora, pós graduanda em Artes Cênicas (Teatro/Dança) e Yoga - sua pesquisa há 20 anos é voltada para o Corpo e Movimento.

Como Professora/pesquisadora já passou pelo Festival Breves Cenas, Parques Temáticos (Mini Mundo/Gramado) e por diversos Estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Amazonas ensinando e preparando atores e comunicadores em Escolas de Formação para Atores, Centros Culturais e Estúdios de Pesquisa Teatral.

Suas experiências na preparação corporal também perpassa pelo Cinema, com seu mais recente trabalho com a produtora Dream House Pictures.

É curadora de Teatro do ArtHouseBC - casa artístico-cultural. Já estudou com nomes como Renato Ferracini (Lume), Sandra Alencar (Amok Teatro), Luis Louis (Mímica e Teatro Físico), Sônia Machado de Azevedo (Método Laban - Célia Helena/SP), Neide Neves Método Klauss Vianna - Célia Helena/SP), Cia.Jorge Garcia/SP, Zé Celso Martinez Corrêa, Grupo Tapa, entre outros. E trabalhou com nomes como João Fonseca no espetáculo A Pena e a Lei (Ariano Suassuna).

Suas experiências e pesquisas resultaram no projeto O Corpo Criador, onde desenvolve um trabalho sensível do despertar da consciência física e emocional por meio de jogos teatrais, princípios da dança e do corpo - em formato itinerante e em ambiente virtual.

Suite N.2 é o primeiro trabalho ao lado da atriz/produtora Mari Feil com direção de Alexandre Contini.

APRESENTAÇÃO, CONCEPÇÃO E ESTÉTICA

O Suíte N. 2, conta a história de uma musicista de violoncelo reconhecida mundialmente e que no auge da sua carreira, em meio a uma turnê é diagnosticada com esclerose múltipla.

"E foi tudo acontecendo tão devagar que eu nem percebi. Eu comecei aos poucos a perder a firmeza das mãos. Perdia o equilíbrio, a força nas pernas, nos braços. Em uma de nossas apresentações eu caí diante do público. Foi uma comoção, todos preocupados e eu ria, achei que não era nada, que tinha apenas tropeçado. Eu ria, eu ria um pouco por desespero, mas meu marido não riu."

Nesse momento apoiada pelo marido, inicia uma luta pela vida, passando por diversos tratamentos, exames, porém os tratamentos não impedem a atrofia e a degeneração dos seus órgãos e da mente. Aos poucos a artista é abandonada pelo marido que se casa novamente tem filhos e a observa somente através de uma câmera, os amigos não a visitam mais, os fãs a esqueceram, colegas de trabalho cancelaram todos os contratos e o seu único convívio é com enfermeiro.

O espaço que o peça se passa é um quarto, em que o estágio da doença é bastante avançado e já está com poucos movimentos.

O cenário é um sofá, uma cadeira e penteadeira, no primeiro momento está totalmente bagunçado, quadros quebrados e se mescla com projeções, um suposto surto aonde a musicista se encontra sentada e ouvindo a Suite N.2 de Bach. O cenário é composto por projeções, que trazem Flash Backs , com cenas gravadas anteriormente, quando as lembranças e fragmentos de felicidade aparecem.

No decorrer do espetáculo ela, com muita dificuldade de caminhar se movimenta lentamente, se arruma, coloca maquiagem, penteia seu cabelo. Executa as atividades com atrofias musculares, porém de forma poética e muitas vezes engraçada, traz as reflexões e lembranças mais íntimas da sua vida, carreira, casamento, sua solidão.

APRESENTAÇÃO, CONCEPÇÃO E ESTÉTICA

Porém, a sua maior dor é não poder tocar seu violoncelo. "E o mundo começou a doer. A doer muito, como dói agora. Eu queria sentir meia dor. Como meu corpo, meio corpo. Mas não é assim. É como quando eu tocava meu violoncelo, é no corpo todo. Eram meus dedos apenas que sentiam as cordas, mas a partir deles o corpo inteiro acordava de uma letargia profunda, e vibrava como a pele de um tambor soando firme, ecoando em todos os meus ossos, minha carne, e eu era inteira música. Hoje vibro não mais como um tambor, mas como chicote em minhas próprias costas, vergastando com alarido minha pele em frangalhos. (pausa)

A escrita cênica de e a concepção de direção SUITE N.2 busca inserir o espectador no contexto corporal e emocional da personagem.

A medida em que ela vai contando sua trajetória, deixa mais claro o que a personagem almeja, e suas táticas de persuasão que começam a dar luz a sua verdadeira intenção que é tirar sua vida. Mas ela não consegue fazer isso sozinha, precisa da ajuda do enfermeiro, que será a coadjuvante a plateia que assume essa função.

O que resta nesse momento final é a sua paixão avassaladora pela música. Um corpo que já não é mais o mesmo e uma vontade enorme de não sentir mais nada, e a relação corpo com a atriz foi algo muito intensa em que a preparadora corporal e vocal foi fundamental, e a sensação do atrofiamento causa bastante impacto em quem assiste, sendo um fator decisivo na estética do espetáculo.

Apesar do espetáculo contar com uma trilha sonora precisa e pontual ela é a grande protagonista, aonde as diferentes intensidades ressoam do corpo quase imóvel e ressoa com um ato de resistência da artista, ainda vivas em lembranças como as batidas de um tambor.

O amor pela música não permite que ela se entregue, e ela fala: "É minha última vontade. Coloque a música para eu ouvir de novo, eu imploro. Eu não vou conseguir sem isso. Eu tenho medo de morrer em silêncio, eu tenho medo de viver em silêncio. "

SOBRE A ESCLEROSE MÚLTIPLA (EM)

A esclerose múltipla (EM) é uma doença crônica e autoimune, ou seja, o próprio sistema imunológico da pessoa ataca o sistema nervoso central, interferindo na comunicação no cérebro e dele com o resto do corpo. Queremos trazer esse tema tão importante e pouco falado que é a esclerose múltipla, segundo os dados afeta 2,5 milhões de pessoas em todo o planeta, de acordo com informações da Organização Mundial da Saúde, no Brasil, 35 mil apresentam sintomas da doença. Homens e mulheres podem ser afetados, mas elas são as mais afetadas e costumam manifestar os primeiros sintomas entre os 20 e 50 anos. A atriz Cláudia Rodrigues foi diagnosticada em 2000 com os sintomas iniciais da esclerose múltipla, a partir disso as perdas na sua vida foram inúmeras, e constantemente se encontra hospitalizada. A perda dos movimentos e da sensibilidade, comprometimento do equilíbrio, da memória e da cognição, distúrbio de linguagem, fraqueza e cansaço crônico, disfunção sexual, visão dupla, problemas urinários, surtos e convulsões são sintomas da esclerose múltipla que é uma doença autoimune desmielinizante inflamatória, ou seja, causa danos à mielina (bainha que reveste os neurônios), e ainda não possui causa específica conhecida". A atriz Ana Beatriz Nogueira também foi diagnosticada pela doença, e as pessoas mais próximas sabiam do fato, visto que para ela ainda existe um preconceito, desamparo e abandono. Em muitos casos, pessoas com doenças, são abandonadas e como artista acredito que uma questão necessária a se trazer mais empatia e mais amor. Como artista esse tema me movimentou, por tantas perdas dores que muitas pessoas estão passando. Como lidar com isso? A Jaqueline Dupré, violoncelista, que é nossa inspiração para composição do texto e da personagem, no auge da carreira, em 1971, começou a perder a sensibilidade dos dedos, foi diagnosticada com esclerose múltipla depois de dois anos somente, quando também realizou o último concerto. Já irreconhecível, com o corpo transfigurado, dentes tortos, numa cadeira de rodas, e desamparada foi lentamente morrendo em 1987, aos 42 anos.

FICHA TÉCNICA

Texto: Afonso Nilson

Colaboração e Adaptação: Alexandre Contini e Mari Feil

Direção Artística: Alexandre Contini

Atuação, Idealização e Produção: MariFeil

Preparação Vocal: Mônica Montenegro

Preparação Corporal: Geísa Frölich

Fotos: Gil Guzzo

Diretor de Fotografia: Miguel do Valle

Edição de Imagens e Direção de Arte: Alexandre Contini

Figurino: Mari Feil

Parceiros de Gravação: Jeva Produções e Gil Teles

Redes Sociais: Gil Teles

Edição de imagens e direção de arte: Alexandre Contini

Assessoria de Imprensa: M&F Produções e Comunicação MEI

Produção e Realização: Núcleo Mari Feil, M&F Produções e Comunicação MEI

@suite.n2 @mfproducaoecomunicacao @marifeiloficial

NECESSIDADES TÉCNICAS

A montagem pode ser iniciada no mesmo dia da apresentação pela manhã. É necessário o acompanhamento de técnico de som e luz durante a montagem e a apresentação.

Duração de montagem 4 horas, 1 afinação, 1 hora ensaio técnico.
Duração de desmontagem 1 hora.

TEATRO OU ESPAÇO ALTERNATIVO: Medidas ideal 5 largura x por 6 profundidade, e a medida mínima pode ser 3 largura e 5 de profundidade.

RIDER DE LUZ

1 Mesa com 24 Canais de dimmer

16 – Refletores Par

17 - Refletores plano convexo de 1k

11 - Elipsoidal e 2 com porta Gobo

1 - Mesa de comando de iluminação digital com 48 canais

Cabos, fiação e escadas para afinação da iluminação

1 – Técnicos de luz para montagem , afinação e acompanhar gravação da luz e a operação, mínimo uma pessoa.

10) Focos - 1) Geral Frente - 1) Geral Complemento – 2) Gerais Centrais - 2) Contra Luz;

RIDER DE SONORIZAÇÃO:

2 PAs, com alcance suficiente para a sonorização satisfatória do ambiente;

Espaço sem acústica será necessário a locação de haedset microfone (cor da pela).

LOGISTICA

EQUIPE DE VIAGEM:

1 atriz;

1 músico

1 montador cenário/luz e operador de luz, operador de som e projeção;

Caso, seja necessário, pode-se reduzir a equipe e contratar no local, nesse sentido haverá necessidade de pelo uma conversa anterior aonde enviaremos o texto e roteiro de operação e 1 ensaio.

O mesmo será coordenado pela atriz/produtora.

Ainda, caso o contratante desejar dispomos de um interprete em LIBRAS.

CENÁRIO TEM PESO DE 20 KG, é levado junto com a equipe em uma mala.

DESLOCAMENTO: A cidade origem é necessário confirmar devido as viagens.

ROM LIST A SER ENVIADO

IMPRENSA

Entrevista publicada revista klube artdigital



2º ARTE - teatro

MARI FEIL Suíte nº 2

Produz seu terceiro solo, Solo "Suíte nº 2" com texto de Afonso Nilson, completando assim uma trilogia, sendo os anteriores "A Rainha do Rádio" e "E se eu não quiser dançar? – Um Solo desritmado".

FOTO: GIL GAZZIO

Mari Feil é atriz, diretora, produtora e escritora. Atua nas artes há 25 anos, com mais de 50 projetos nacionais e internacionais, tendo recebido diversos prêmios, entre eles: 13º Festival Iberoamericano De Teatro, "Cumbre De Las Américas" Mar Del Plata, Buenos Aires – Argentina, onde recebeu prêmios de melhor espetáculo solo e menção de melhor atriz. No momento está na produção do seu terceiro solo, Solo "Suíte nº 2" com texto de Afonso Nilson, completando assim uma trilogia, sendo os anteriores "A Rainha do Rádio" e "E se eu não quiser dançar? – Um Solo desritmado".

"SUÍTE Nº 2"

"O solo me tira da minha zona de conforto. Já atuei em tantos espetáculos no decorrer da minha carreira... Quando montei "A Rainha do Rádio", texto de José Saffioti, eu percebi o quanto eu voltei a sentir aquele frio na barriga em cada apresentação. Aquilo me movimentava, me desafiava a estudar, a me preparar diariamente. Fui pegando gosto. Mas, aos poucos, fui amadurecendo. Aliás, pelas dificuldades de produção o solo está em alta. Como sou uma atriz que se produz há muitos anos, eu precisava de uma equipe que entendesse

50

51



FOTO DE GILGUZZO

isso e que me desse o suporte para um bom resultado final. Nesse novo projeto estou com a equipe dos meus sonhos. Tenho muita admiração por todos e com cada um foi uma conexão diferente e com muito amor. Eles me completam", explica Mari.

A peça fala sobre uma violoncelista que no auge da sua carreira é diagnosticada com Esclerose Múltipla, e que, aos poucos, vai perdendo os movimentos do corpo, o que tira o grande amor da vida dela, a música. Ela foi se recolhendo e sendo abandonada pelas pessoas que faziam parte do seu ciclo de vida. Então, de forma poética, traz as reflexões e lembranças e desejos íntimos da sua vida, carreira, casamento, sua solidão no leito e a sua persuasão e flerte com a morte de forma trágica, porém humorada. Onde se traz por outro lado uma forma positiva de valorizar a vida.

Numa das falas da personagem ela diz: "se eu soubesse, eu teria valorizado mais, desde o útero de minha mãe". Assim, como na vida real, muitos artistas quando ficam doentes são descartados, temos vários exemplos no país.

E mesmo não artistas, são abandonados pela sua rede, seus afetos, sua família quando adoecem. "Sempre em minhas montagens tento trazer temas que venham a refletir sobre o ser humano, ampliando a discussão acerca de direitos, da liberdade de expressão, contra o machismo, os preconceitos, sobre os direitos humanos e às vezes sobre política".

EQUIPE PARCEIRA Diretor

O diretor artístico do espetáculo Alexandre Contini, que é ator, diretor, escritor e ministra e produz cursos de interpretação, com mais de 40 espetáculos, confessou que durante a pandemia este é o 5º espetáculo que estreará, além da minissérie "Contos da Pandemia".

"A arte pra mim, além de meu sustento, é um propósito, passo mais de 10 horas por dia trabalhando porque amo o que faço. Neste trabalho com a Mari a parceria surgiu da admiração mútua e da necessidade de encontrarmos um trabalho em comum. O texto do Afonso já era almejado pela Mari e quando li me apaixonei", diz. Contini conta que quando re-

cebeu o texto estava confinado há 7 meses, sem sair de casa, apenas trabalhando online e indo a mercados e farmácias. "Naquele momento ao ler a personagem me identifiquei de cara. Um artista que não pode exercer sua arte morre aos poucos, é como se parte de você, a sua melhor parte, não se desenvolvesse mais. Nitidamente entendi que poderia somar a esta obra".

Texto

O autor Afonso Nilson escreve para teatro desde os 19 anos, hoje está com 43 anos. "Tenho predileção por monólogos, acho desafiador esse fluxo de consciência revelador, inverossímil por vezes, que torna tão humanos alguns personagens. Eu queria escrever sobre música, sobre o amor à música. Mas também sobre o que ela tem de essencial, que nos faz mudar de rumo, nos apaixonar, querer viver. Fui durante um curto período estagiário do naipe de violoncelos na Sinfônica de Santa Catarina, embora não tenha me tornado instrumentista profissional, conheço o instrumento, o repertório."

"Na época havia me apaixonado

do pela execução do concerto de Elgar pela violoncelista inglesa Jacqueline duPré. Achava que a interpretação dela era a melhor execução do concerto que eu já tinha ouvido. Posteriormente, descobri que ela sofria de esclerose múltipla, que foi perdendo os movimentos aos poucos, que aos poucos não tocava mais, não andava, e sofrera todas as consequências terríveis da doença. Aquilo me comoveu profundamente, mas não queria fazer um texto biográfico, que já foi feito, inclusive. Não queria falar sobre um personagem específico, tomar exemplos da vida real. Queria falar de música, do quanto é fundamental, indispensável para os apreciadores aficionados como eu. E então, durante o processo de escrita, surgiu o tema da eutanásia", explica.

"Acho que foi na época que vi o filme "As Invasões Bárbaras", do cineasta Denys Arcand, que muito me impressionou. E achei que a metáfora de que uma morte humanizada não poderia ser possível sem música talvez pudesse funcionar. Com isso, para causar o efeito dramático, acabei invertendo os polos. A personagem deseja não sentir mais dor,

imobilidade e há esse conflito com o enfermeiro, que concorda com a eutanásia desde que seja em silêncio. A morte em si já é silêncio, o silêncio absoluto, total. Para a personagem, que viveu a vida toda da música, e pela música, isso é um castigo inimaginável. Para ela, é preferível viver com dor a morrer em silêncio. Foi a partir dessa premissa que surgiu o texto", complementa.

Preparação Vocal e corporal

Mari Feil falou que foi um desafio o trabalho de preparação vocal e corporal, por esse motivo trouxe profissionais que confia e com que já trabalha há muitos anos.

Mônica Montenegro comenta que sempre foi pesquisadora da voz cênica. Na sua trajetória, de vasto currículo, menciona: "Sou Terapeuta de voz/fonoaudióloga, preparadora de voz de elenco, professora na Escola de Arte Dramática da USP e também artista. Me interessa muito a poética das sonoridades como construção de sentidos no corpo. Acredito na potência expressiva deste corpo que transita entre a dança, a fala e o canto de forma fluida e vibrante!"

Para finalizar, mais uma profissional com um vasto currículo, Geisa Frölich, que começou a estudar teatro há 20 anos, onde se encantou pelo estudo das artes do corpo, gesto, emoções. Geisa é pós-graduada em "Artes Cênicas" pela Censupep/RJ e em "Yoga" pela Unyleya/RJ, e possui diversos cursos na área.

"Me identifiquei com Laban, fiz diversos cursos, e aprimorei minha pesquisa e trabalho como professora de corpo nesta linha, onde físico, mente, emoções estão inteiramente interligados", finaliza Geisa.

FICHA TÉCNICA:

Texto: Afonso Nilson

Direção Artística:
Alexandre Contini

Preparação vocal:
Mônica Montenegro

Preparação Corporal: Geisa Frölich

Fotos: Gil Guzzo

Diretor de Fotografia:
Miguel do Valle

CRÍTICAS

primeira critica portugal.

Têm sido várias as experiências de olhar o teatro através do óculo de uma câmara, de um PC ou mesmo de um celular, durante esta época de pandemia. A qualidade dos objetos artísticos é discutível, mas em «Suite nº2» não é. Trata-te de uma obra verdadeiramente bem conseguida. O texto é profundamente realista e atual, a realização acompanha com sensibilidade a interpretação numa espécie de contracena, e até outras vezes satisfazendo a curiosidade do espectador. Há uma direção atenta no jogo cénico da atriz. Mari Feil de grande expressividade corporal, é verossímil em todas as suas ações, ela espelha um sincero e forte envolvimento emocional na sua interpretação comovendo-nos do início ao fim. A esclerose existe e é progressiva, e como é perturbador ver essa incapacidade numa instrumentista. A personagem interpretada pela atriz revela-nos a sua frustração de uma forma absolutamente arrepiante. A sua desistência afunda-nos com ela.

Se na vida, a doença incapacitante, incapacita o doente e os que o assistem, pela miséria da nossa eternamente efémera condição, também aqui, no teatro de Mariane Feil, o temor e a compaixão pelo que fomos e não voltamos a ser, a debilidade física em luta com fragilizada força interior, enternece-nos e sufoca-nos ao mesmo tempo.

Nestes dias de peste, estamos perante um objeto artístico inovador, inteligente e dolorosamente atual.

Um brilhante trabalho assistido através de uma tela, de uma grande atriz de teatro.

Adérito Lopes - Portugal

Ator e professor de Teatro - Interpretação

Mestre em Teatro pela instituição de ensino Escola Superior de Teatro e Cinema - IPL

Doutor em Comunicação, Cultura e Artes pela instituição de ensino Universidade do Algarve UAlg

segunda critica argentina

Puedo deducir que esta mujer y su pasión por su instrumento (el violonchelo) es profundamente importante, y su dolencia o impedimento físico que la llevan al intento de suicidio es muy evidente. Esa mano que le da de beber y luego la saca del ahogo, es muy subjetiva, como así el cuadro roto apenas empieza el video....

Me parece un trabajo tuyo maravilloso y creativo y de muy difícil interpretación, ya que hay cambios dramáticos muy profundos que se producen instantáneos y se logran maravillosamente bien, como la escena donde tocas el instrumento y volvés al estado de postración. En general me quedo con tu brillante y difícil interpretación que esta muy bien lograda.

Hugo Angel Kogan

Actor, Director, Docente, Productor y Gestor En Teatro

Iberofestival

Mar del Plata - Argentina

primeira critica brasil.

Entre cordas e acordes, nervos e vozes: Suíte nº 2, um respiro necessário.

* Márcio Silveira dos Santos

Imagine que você é uma artista no ápice do sucesso naquilo que faz: tocar violoncelo. Durante anos você vive realizando turnês pelo mundo, lotando apresentações nos mais renomados lugares. Multidões em filas quilométricas do lado de fora esperando mais uma sessão do magnífico e badalado concerto elogiado pela crítica e público. Você está no topo. Está vivendo nas nuvens por longos períodos de conquistas. Chegou o merecido reconhecimento pelos anos de empenho e dedicação à sua arte e depois você passou a ser referência mundial.

Agora imagine, também, em certo momento deste auge da carreira, o seu corpo começando a apresentar laivos de fadiga. Em inesperados períodos de cansaço seu corpo passa a sentir uma leve disfagia grudada na garganta, seguida de uma disartria que vai alterando sua voz. A visão por vezes fica turva e segue apresentando diplopia, nistagmo e neurite óptica. Sua estrutura corporal de ossos, músculos e nervos oscilam entre espasmos tônicos e clônicos. Dores, hipestesia e parestesia nos braços e mãos que já não conseguem dedilhar como outrora. Você está siderada numa ataxia. Um complexo conjunto de sintomas que indicam diversas condições neurológicas degenerativas do seu sistema nervoso que vai comprometendo seus movimentos dos dedos, mãos, braços, pernas e olhos, seu equilíbrio, tônus muscular, a fala e deglutição. A astenia te domina. Seu corpo está exausto, esgotado, definhando, imergindo em degenerescência cognitiva e recorrentes alterações de humor. Eis um espectro de algumas manifestações que indicam que você está com *Esclerose Múltipla* e por isso sua vida irá mudar radicalmente. E é a partir desta mudança que nos chega o excelente Suíte Nº 2.

Você acaba de experienciar mentalmente, em parte, o mundo da violoncelista vivida pela atriz e produtora Mari Feil no espetáculo Suíte Nº2, que tem a precisa e lapidar direção de Alexandre Contini e uma dramaturgia adaptada para a presente proposta cênica/audiovisual por Mari Feil e

Alexandre Contini a partir da primorosa dramaturgia homônima de Afonso Nilson. O projeto da encenação foi idealizado pela própria Mari Feil, sendo vencedor do edital de Registro Licenciamento de Espetáculos de Teatro Inéditos para Difusão On-line e teve sua estreia neste mês de maio. A premiada Mari Feil gosta de desafios, há 25 anos trabalhando principalmente em atuação e produção, agora nos brinda, no ano pandêmico de 2021, com o impecável trabalho de Suite Nº 2. Trata-se da terceira parte de uma trilogia de solos, em que a catarinense já encenou "A Rainha do Rádio" (2014) e "E se eu não quiser dançar? – Um Solo desritmado" (2018), trabalhos que me levam a pensar que tem aí como subtexto alguma predileção pelo universo da música.

A sinopse do espetáculo, fornecida pela equipe de produção, nos diz o seguinte: "A peça fala sobre uma violoncelista que no auge da sua carreira é diagnosticada com Esclerose Múltipla, e que, aos poucos, vai perdendo os movimentos do corpo, o que tira o grande amor da vida dela, a música. Ela foi se recolhendo e sendo abandonada pelas pessoas que faziam parte do seu ciclo de vida. Então, de forma poética, traz as reflexões e lembranças e desejos íntimos da sua vida, carreira, casamento, sua solidão no leito e a sua persuasão e flerte com a morte de forma trágica, porém humorada.". Pronto, para quem acompanha a trajetória de Mari Feil logo percebe que esta trama é um prato cheio para a atriz transbordar com seu potente manancial criativo.

Mari conduz com maestria sua atuação afinadíssima em Suite nº 2. Acompanhamos os mínimos detalhes do seu trabalho, com destaque para as precisas e sutis alterações de humor da musicista, são átomos de segundos minuciosos entre o desprezo e o contentamento, passando pelo sarcasmo presente como fio condutor de situações que nos colocam em cheque mate. Pois é inevitável se identificar com a violoncelista está condenada pela esclerose múltipla a viver paulatinamente seu fim dentro de um corpo que outrora era veículo de liberdade e fama e agora é seu firmamento, nos levando a olhar em nosso entorno e refletir que estamos também confinados, pelo novo coronavírus que se transforma a cada dia ficando mais forte e cruel.

Há um misto de medo e revolta, e nesse ínterim notamos que ela planeja algo ou já tomou alguma firme decisão. Cabe-nos testemunhar este momento

presente e procurar decifrar seus atos e pensamentos enquanto vemos um corpo que sai de sua cama e se desloca com dificuldades pelos espaços do apartamento sufocante. As cenas em evolução se mostram uma alegoria dos tempos atuais em que vivemos na pandemia da covid-19, e nos sentimos um pouco como a musicista entre a queda inevitável e um novo levantar-se. Grudamos nessa montanha russa de emoções. Somos embalados ao mesmo tempo pelos sublimes acordes afinados de uma suíte nº 2, de Johann Sebastian Bach, e a desesperada cinesia de um corpo e seus músculos e nervos que definham, desafinam, se arrebatam entre o passado e o presente da violoncelista em abruptos fluxos e sutis deslizamentos pelo espaço confinado de sua existência que acompanhamos como voyeurs nesta quinta parede que passou a existir nas artes da cena com as telas dos aparelhos eletrônicos.

Na medida em que avança a encenação nos sentimos absorvidos com os músculos e nervos expandidos da personagem, num excelente trabalho de corpo da atriz, realizado em parceria com a preparadora corporal Geisa Frölich. Os membros em visível atrofiamento, a dificuldade de mobilidade me fez segurar na cadeira diante do possível tombo daquele corpo que pensosamente se desloca: em certo momento me despertou uma vontade imensa de sair caminhando pela casa. A dificuldade nos momentos de locomover-se e sentar-se nos traz também tensão-relaxamento, alívio-respiro, e ganham potência quando a direção rigorosa de Alexandre Contini nos conduz a atenção para determinados pontos onde o texto falado pela atriz, outro belo trabalho em parceria com Mônica Montenegro, com suas nuances de altos e baixos tons e volumes nos chegam como se melodias fossem. O espetáculo é muito bem orquestrado pela experiente batuta de Alexandre Contini. Está tudo ali naquele apartamento, depois daquele corredor, entre luzes e sombras, matizes sonoros, retratos quebrados, sequências de quedas e levantes, nos tornamos aquele corpo, ou mais um corpo, mais um desesperado aperto no coração em se reconhecer em muitas partes da história da, antanho, exímia musicista.

Um dos grandes méritos da atuação de Mari Feil é nos conduzir para um final que não calculamos dentro daquele universo tão amplo e tão confinado entre quatro paredes e um corpo em derrocada. Antes do final, temos a certeza de que a violoncelista tem um grande plano, pensamos até o quanto seria

ótimo uma vacina que resolvesse a esclerose múltipla, transferindo nosso desejo de que tenhamos vacina da Covid-19 para todos em pouco espaço de tempo. Mas seu maior instrumento, seu corpo, desafina, definha, nervos-cordas arrebatam, melodias não mais em harmonias, não há neste corpo-violoncelo uma possibilidade além de sua acústica-fala desbragada esmurrar as paredes com memórias e tombos. Das lembranças, em inebriante edição de imagens de quando no ápice do sucesso com seu instrumento e grande amor pela música, cambaleamos entre carpetes e móveis tentando sobreviver até o momento final da peça audiovisual e entendemos sobre seu desejo final nos últimos instantes do espetáculo e ainda sim somos surpreendidos.

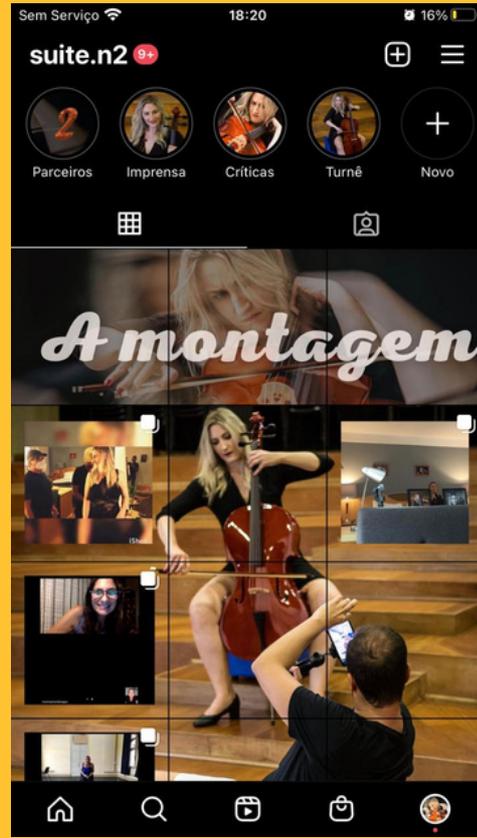
Não poderia deixar de destacar o trabalho do dramaturgo Afonso Nilson, exímio escriba das dramaturgias catarinenses e que na última década vem despontando como um forte nome na dramaturgia nacional constrói um texto a partir de sua inquietude e conhecimento na arte dos musicistas, pois também viveu esse universo musical. Após tomar conhecimento de que uma de suas compositoras preferidas estava com esclerose múltipla singrou com galhardia nos alinhavos desta trama que vemos em Suite Nº 2. Um primor de dramaturgia, de forma concisa e certa fica pulsando na memória do espectador por semanas.

Saímos do espetáculo com um novo olhar, novas percepções da vida, ou como se saindo de uma intubação depois de imersos em cilindros de oxigênio que nos proporcionam choros e alegrias, sensações e emoções. Experimentamos uma vigorosa tecnovivência, como cita o pesquisador argentino Jorge Dubatti sobre o convívio mediado pelas novas tecnologias digitais. Podemos vivenciar com Mari Feil e sua equipe, mais um trabalho potente. Um legítimo exemplar das artes da cena produzidas nos tempos atuais. Entre cordas e acordes, nervos e vozes: Suite nº 2, um respiro necessário. Vale muito conferir. Aproveite enquanto o trabalho segue disponível. Verifique nas redes sociais do espetáculo Suite nº 2. Evoé!

- Márcio Silveira dos Santos é artista-pesquisador, dramaturgo, escritor, professor de artes cênicas com doutorado em teatro pelo Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina.

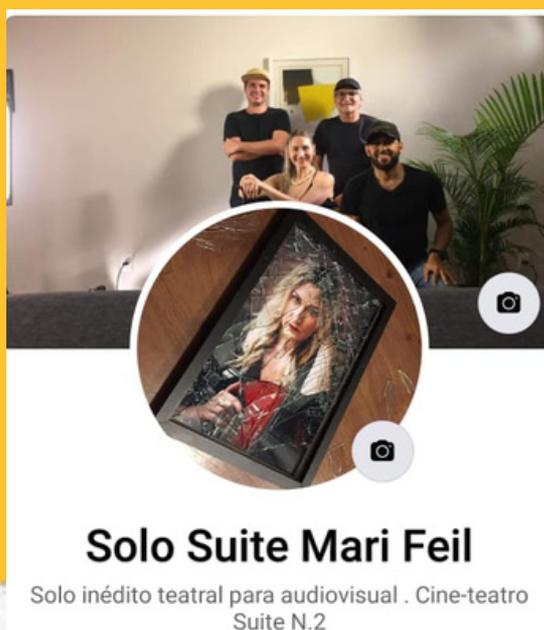
instagram OFICIAL DO PROJETO @suite.n2

<https://www.instagram.com/suite.n2/?igshid=10njzhtcl5ex3>



<https://www.facebook.com/MarianeFeil/>

<https://www.facebook.com/mariane.feil.92>



Solo Suite Mari Feil

Solo inédito teatral para audiovisual . Cine-teatro Suite N.2



INSTAGRAM.COM
Instagram Post by Suite N° 2 • A...

ABRIR

FOTOS DE DIVULGAÇÃO



créditos das fotos: gil guzzo

PARA ASSISTIR
CLIQUE AQUI

BOM
ESPETÁCULO



**VIDEO COMPLETO SUITE N.2
EXCLUSIVO PRA PRODUTORES E
PATROCINADORES.
ESPETÁCULO NÃO ESTREIOU AINDA.
DIREITOS AUTORAIS RESERVADOS.**



CONTATOS

Nucleo Mari Feil & Cia

+55 (11) 97724-9717 

MFPRODUCOESECOMUNICACAO@GMAIL.COM